

AmM/F.83
Raro

DISCURSO

proferido pelo

Dr. PAULO SARMENTO

na sessão solenne da Congregação da

ESCOLA AGRONÓMICA DE MANAÓS,

em 12 de Abril de 1929, para empossar o Director
do mesmo estabelecimento.



MANDADO IMPRIMIR PELA CONGREGAÇÃO DA
ESCOLA AGRONÓMICA DE MANAÓS.

DISCURSO

proferido pelo

Dr. PAULO SARMENTO

na sessão solenne da Congregação da
ESCOLA AGRONOMICA DE MANAÓS,

em 12 de Abril de 1929, para empossar o Director
do mesmo estabelecimento.



Am 117
F 823
DA 72

MANDADO IMPRIMIR PELA CONGREGAÇÃO DA
ESCOLA AGRONOMICA DE MANAÓS.



No Ex.^{mo} Inv.

Offerece a

ESCOLA AGRONOMICA DE MANAOS

BIBLIOTECA PUBLICA DO AMAZONAS

*Reg. a fls. 41.3... do Catalogo-Inventário,
sob o No. 8.843...*

No de Classificação:



Dr. ANTONIO TELLES DE SOUZA

Director da Escola Agrônômica de Manaus



Dr. PAULO SARMENTO

Professor Cathedratico da Escola Agronomica de Manãos

Ill.^{mo} Sr. Dr. Antonio Telles de Souza,
D. D. Director da Escola Agronomica de
Manáos.

Ill.^{mos} Srs. Membros da Douta Con-
gregação da Escola Agronomica de Manáos.

Meus Senhores:

Quem ainda, ao contemplar a maravilhosa floresta amazonica, nessa encantadora hora em que o ardente apaixonado da lua parece abrir immenso leque multicôr, para fazer crepitar ao longe as accendalhas do occaso, não pensou, tomado de um extase de veneração e carinho, no esforço herculeo, na lucta titanica, no combate sem treguas do minuscuro grão que, no esquecimento do gigantesco tumulto de verdura, num milagre de energia, tudo fez para chegar á estatura perfeita de lenho colossal?

Um dia, quando o brilho claro das aguas beijadas pelo sol se abacinava lentamente, aos acróamas sublimes dos passaros saudosos a se despedirem do dia, pendente de seu galho, oscillante ao rythmo da orchestra florestal, que se ia deliciosamente alentecendo, o fructo balaustino, orgulhoso de seu perfume e formosura, gosava do beijo cariciante da brisa, portadora das canções acroamaticas dos passarinhos felizes!

Ao afflato perfumado, a gigantesca floresta estre-mecia de prazer, quando sentia os beijos aliferos da brisa que, ao passar pelas franças verdejantes, sorria encantadoramente para as mimosas cataléas de labios rubros e polposos.

A's vezes, ouvia-se o aulido tristonho dos animaes das selvas ou o atitar das aves que voltavam para o calor de seus ninhos.

Lá, muito longe o rio chorava sua grande dôr, escrevendo nas praias alabastrinas as tristonhas canções de sua grande alma de poeta.

Agora o Sol parecia despir sua chlanide sublime, para repousar nos braços algidos da noite, ouvindo os ultimos accordes da natureza dormitante.

E o delicioso fructo sonhava com os esplendores do dia seguinte . . .

Mas — oh! rudeza inconsciente do destino! — montanhas cinereas erguem-se além da floresta espa-
vorida, para logo após, como uma chiliarchia celipotente,
caminhar veloz e enfurecida, como se quizesse abduzir
do solo amado aquelles gigantescos lenhos, estorcendo
suas cabelleiras de verdura, partindo-lhes os braços gi-
gantes, desejosos de suster em sua furia as nuvens
plumbeas, que pretendiam asphyxiar os delicados pas-
sarinhos que sonhavam com a alvorada radiosa do dia
a nascer.

De momento, a brisa fremente esconde-se nos
algares silenciosos da floresta; as arvores aferram-se
ao solo querido; os passaros despertam transidos de
terror; as feras, espavoridas, recolhem-se aos seus
absconsos aljubes, e o rio, lá fóra, desdenhoso e cruel,
inicia um bailado sinistro ao som da infernal orchestra
do vento que ulula.

Ígneo punhal fere o seio de uma nuvem que,
accirrada pela dôr, solta o primeiro gemido que vae
abalar a floresta, echoando sinistramente nos barathros
distantes.

E o vento, bargante indecoroso, vae desfolhar as
pequeninas flores silvestres e macular os labios puros
das cataléas e boninas.

Depois . . . são lenhos que se estorcem, gigantes
que soltam gemidos de dôr, abalados cruelmente, e que
tombam por fim entre os clamores dolorosos de toda
selva, arrastando em sua queda as amigas dedicadas,
que abrem seus braços a amparar o infeliz companheiro
que, em vão, tentam suster.

E o manto espesso de escumilha negra suffoca
os gemidos surdos da floresta, até que, pincelando de
rubro o oriente, o eterno viajor solta sua fulva cabellei-
ra e sorri para a terra que, mergulhada em profundo
dissabor, vê na agerasia encantadora do sol nascente,
motivo para se alegrar, razão para se robustecer.

E os passarinhos agafanhados pela poesia da vida
que desponta, esquecem o negror da noite dantesca, o

horror das selvas bravias, e, agitando as plumas delicadas, cantam felizes porque assim o desejam ser.

As frondes aljofaradas aguardam o oscuro almo do sol, enquanto as feras bravias escapam-se de suas grutas e vão buscar muito longe o alimento precioso.

E — oh! senhores! — é tempo de continuarmos a nossa pequenina historia! Já vos esquecestes do fructo precioso?

Tudo reviveu com o nascer do sol, e que é d'elle? O vento rijo que abalou as hastes delicadas, que derubou gigantes, levou-o em suas azas, atirando-o a um pequenino fosso, onde elle sosinho aguarda agora o desespero e a morte.

Os dias passam-se... A vida a pouco e pouco parece extinguir-se e o aureo fructo sente-se combalido, perde as formosas côres, até que uma chuva copiosa o soterra por completo e elle julgar-se-á esquecido, desgraçadamente perdido.

Passam-se os dias na monotonia horrorosa dos desesperançosos, enquanto a natureza inteira vibra entusiastica, ora nas baladas joviaes da brisa ora no canto solemne dos passaros ou nas cantigas amorosas dos passarinhos.

Tudo parece extinto para o delicioso fructo, hoje pequenina semente, nua e descarnada, aguardando a morte que breve, talvez, a aniquilará por completo.

Mas — oh! maravilha das maravilhas de Deus! — no momento sublime em que o pequenino grão julga perder a vida, morre para reviver, desaparece para resurgir nos mimosos cotyledones que se elevam para o céo, qual minúsculas mãos a agradecer a Deus a sublimidade de Sua graça.

Depois, a lucta para receber o baptismo da Luz: — crescer, crescer mais, afincar-se ao solo, erguer-se ás delicadas pontas das raizes no afan indomito de subir, de elevar-se, de vencer os demais; de crescer, de transpôr as copas irmãs, para poder receber o beijo do sol que pulverisa suas delicadas folhas com o ouro precioso, que se escapa de suas adurentes mãos.

Mas, para chegar á culminancia de seus ideaes, que de esforço, de martyrio, de resistencia, de bravura e de heroismo!

Aqui, resistindo a furia do vento; alli, armando-se contra a invasão dos parasitas; além, esforçando-se para atravessar as camadas terrestres, alongando as raizes, vencendo as barreiras, para encontrar o precioso alimento que a fará a mais bella da floresta, o mais formoso caule daquela região.

E' que, meus senhores, u'a mão portentosa e divina acompanhava aquelle pequenino grão, desde o momento de sua quéda, até, entre lucta e victoria, ao fastigio de lenho gigantesco.

Se neste momento, meus senhores, de profundo jubilo para nós, eu dêsse por finda esta minuscula phantasia, certamente que vossos espiritos intelligentes descobririam na pequenina semente de nossa historia, semente que resistiu aos embates dos elementos inimigos, semente que se fez arbusto, para depois galgar a estatura de lenho gigantesco, a Escola Agronomica de Manáos, que hoje é, podemos affirmar, o mais perfeito estabelecimento de ensino do Amazonas.

Dizer o que ella foi, seria repetir a historia da semente lançada em terra safara; contar das perseguições, das batalhas, dos temores, dos perigos, das invejas, até chegar á culminancia da victoria.

Que importa se o furação da protervia ou da inveja açoital-a fortemente? Ella vencerá!... A victoria será della!

A principio, uma idéa; em seguida uma experiencia; hoje, uma realidade insofismavel — eis a historia dessa victoriosa instituição da qual sou filho muito amante e á qual hoje, honrado e jubiloso, presto meus humildes serviços.

Este acto solemnissimo que acabamos de assistir, tem um valor altamente significativo: — é a concretização de mais uma victoria.

O exm.^o Sr. Dr. Antonio Telles de Souza tem sido um benemerito para a Escola Agronomica de Manáos,

elevando-a, enaltecendo-a, amparando-a e defendendo-a.

Sim, meus senhores, ainda me recordo, saudoso, daquelle meu bello tempo de estudante.

Quando a Escola Agronomica de Manãos soffria os embates da adversidade, da perfidia e do indifferentismo dos poderes publicos; quando uma atonia criminosa parecia extinguir todos os ideaes, attingindo mesmo os proprios lentes, foi Antonio Telles de Souza quem — sem remuneração do seu trabalho, sem esmorecer um só instante — se manteve firme e zeloso, amigo dedicado, sem faltar a uma aula, sacrificando, por vezes, seus interesses pessoaes.

Sim, meus senhores, eu me recordo desse tempo, das humilhações que tivemos de supportar, das luctas que tivemos de enfrentar.

Ao lado do muito saudoso e querido Dr. Astrolabio Passos, estava Antonio Telles de Souza, o amigo dos estudantes, o conselheiro da mocidade estudiosa de nossa terra.

Depois, senhores meus, a suprema humilhação de hospedes indesejaveis, quando, sem casa, sem apoio, contemplavamos um horisonte ennegrecido. Mas a reacção não se fez esperar, e o pulso herculeo de Antonio Telles de Souza, impulsionando a alavanca da amizade, do dever e do heroismo, enfrentando os perigos e difficuldades, preparou-nos uma séde que, dia a dia, mais se vae aprimorando.

Hoje, nada devemos; a pequenina semente que parecia em abandono, é arvore frondosa de magestosa copa, abrigando uma forte e orgulhosa mocidade, cheia de patriotismo, repleta de ideaes, transbordante de gratidão.

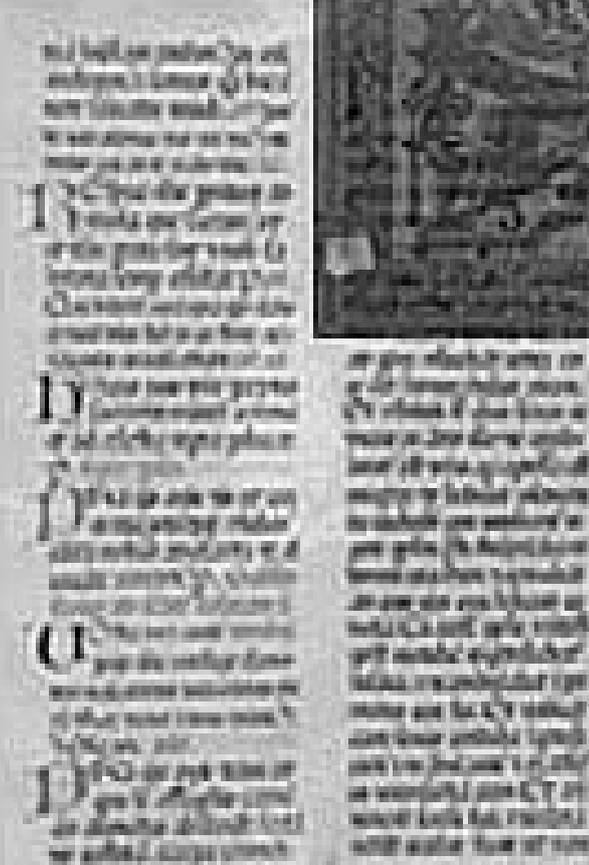
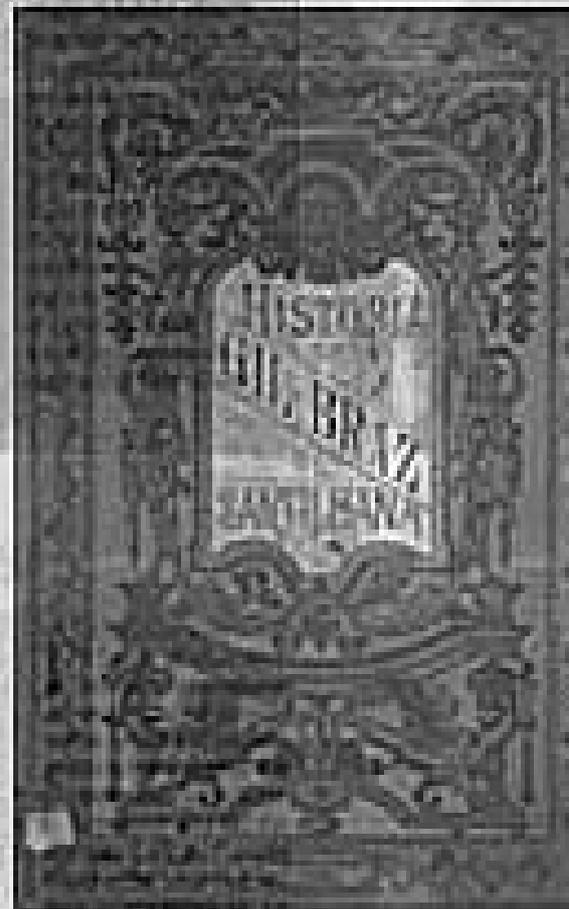
Congratulando-me com os corpos docente e discente da Escola Agronomica de Manãos, proponho que seja lançado na acta um voto de louvor ao Dr. Antonio Telles de Souza, pelos muitos e elevadissimos serviços que vem prestando á Escola Agronomica de Manãos.

Folhetos Raros

Coleção Biblioteca Pública do Amazonas

**Discurso proferido
da Congregação da
de Manaus, em
para passar o**

do na sessão solene
Escola Agronômica
12 de Abril de 1929,
o diretor do mesmo
estabelecimento.
Paulo Sarmiento
1929



GOVERNO DO

AMAZONAS